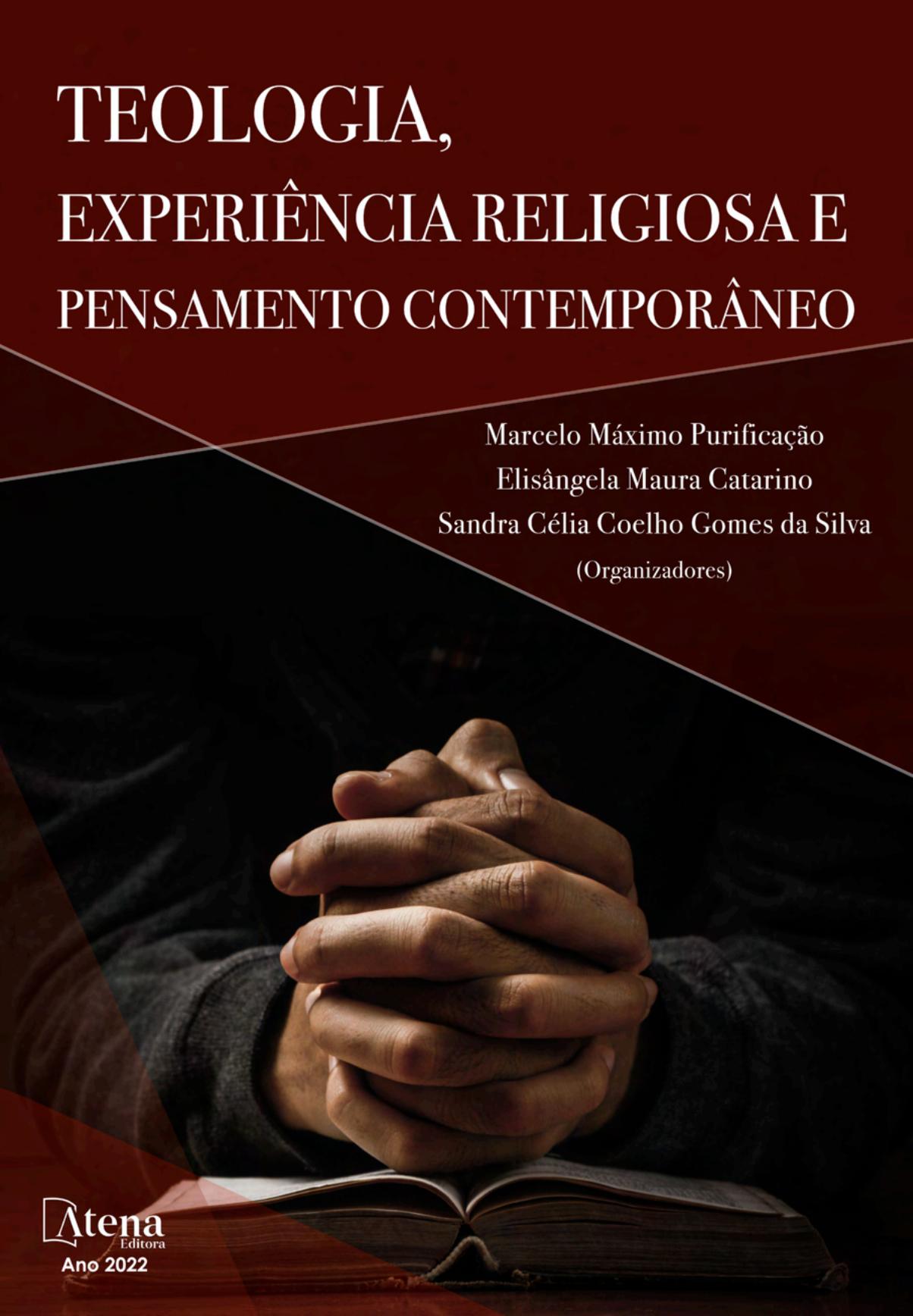


# TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)



# TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva  
(Organizadores)

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Marcelo Máximo Purificação  
Elisângela Maura Catarino  
Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0487-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.873221609>

1. Teologia. 2. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Silva, Sandra Célia Coelho Gomes da (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Prezado leitor, saudação.

Apresentamos a obra “Teologia, experiência religiosa e pensamento contemporâneo”, que adota uma abordagem dialética da teologia e sua articulação com a experiência religiosa, vista e discutida sob o ponto de vista de teóricos de diferentes contextos. Atualmente, a relação entre fé cristã e ciência tem sido moldada em termos de conteúdo e, sobretudo, de atitude. Esta obra encontra-se organizada em 6 capítulos teóricos, cujos objetivos direcionam para profundas reflexões no campo das Ciências Humanas, de forma específica para Teologia e Ciências da Religião. O primeiro texto objetiva, apresentar a convergência entre a perspectiva prático e simbólica das orações-jaculatórias e a realização prática e sugestiva dos automotivadores e, por outro lado, demonstrar o nascimento, o crescimento e a disseminação de um movimento interior e espiritual que atento às demandas da geração digital transpõe os limites da religião e das espiritualidades convencionais. O segundo texto, apresentar reflexões sobre esse cenário em tempos de pandemia e de Papa Francisco. O terceiro texto, busca desabrochar e fomentar reflexões críticas a partir de contrapontos autorais com ênfase nas narrativas, na linguagem, no diálogo e na verdade. O quarto texto, elaborado em metodologia de pesquisa bibliográfica está nos liames da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. O quinto texto, levantar o debate e estender os estudos carnavalescos abordando a forma como os desfiles das escolas de samba são entendidos pela atual sociedade brasileira. O sexto texto aborda as diversas dimensões do deserto nas Sagradas Escrituras. A discussão aqui apresentada introduz a fenomenologia no âmbito do pensamento contemporâneo e suas conexões com a experiência religiosa numa perspectiva interdisciplinar.

Desejamos a todos boa sorte na leitura e boas reflexões.

Marcelo Máximo Purificação

Elisângela Maura Catarino

Sandra Célia Coelho Gomes da Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A MÍSTICA DA AUTOSSUGESTÃO: UMA NOVA VERSÃO DA ORAÇÃO JACULATÓRIA José Fabrício Rodrigues dos Santos Cabral  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216091">https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216091</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
AS MULHERES E A CIBERTEOLOGIA NA PASTORAL EM TEMPOS DE PAPA FRANCISCO Ivenise Teresinha Gonzaga Santinon  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216092">https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216092</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
O PARADOXO JESUS NA COMUNICAÇÃO E NA LITERATURA Boanerges Balbino Lopes Filho  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216093">https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216093</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
ELEMENTOS ESCRITURÍSTICOS E ARTICULAÇÕES TEOLÓGICAS ACERCA DA PREEXISTÊNCIA DE CRISTO Francisco Regimarcio Cardoso de Lima  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216094">https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216094</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
CONSIDERAÇÕES PERANTE A ASSOCIAÇÃO DO CARNAVAL COMO FESTA DO PECADO Tiago Herculano da Silva  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216095">https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216095</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
O DESERTO NAS SAGRADAS ESCRITURAS: UMA ABORDAGEM LITERAL-TEOLÓGICA Diego J.L. Carleti  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216096">https://doi.org/10.22533/at.ed.8732216096</a>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>75</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>77</b>

## ELEMENTOS ESCRITURÍSTICOS E ARTICULAÇÕES TEOLÓGICAS ACERCA DA PREEXISTÊNCIA DE CRISTO

*Data de aceite: 01/09/2022*

*Data de submissão: 06/07/2022*

### **Francisco Regimarcio Cardoso de Lima**

Discente do curso de Especialização em Metafísica e Epistemologia da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Docente da rede pública municipal de ensino de Juazeiro do Norte/CE  
Juazeiro do Norte/CE  
<http://lattes.cnpq.br/3455091025188313>

**RESUMO:** O presente tema elaborado em metodologia de pesquisa bibliográfica está nos liames da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. A Sagrada Escritura como primeira fonte da Revelação deve ser o primeiro fundamento para afirmações dogmáticas. Sob essa perspectiva propõe-se uma análise hermenêutica de textos da literatura sapiencial, de epístolas paulinas e dêutero-paulinas, da carta aos Hebreus e do evangelho de João. A literatura sapiencial (Eclo 24,3-4; Sb 7,25-26; Sb 9,1-2) com a questão da Sabedoria preexistente, fruto de pressupostos especulativos do judaísmo helenizado, fornece elementos relevantes para a compreensão de modo análogo da preexistência de Cristo dentro do contexto do anúncio querigmático no início do Cristianismo. Essa ideia da Sabedoria preexistente que surgiu em textos sapienciais do período pós-exílico foi um suporte precioso para fundamentar as bases da Cristologia da preexistência. Com

esses elementos prévios da literatura sapiencial, ergue-se uma base para a compreensão das articulações teológicas sobre a preexistência nos textos de tradição paulina como a carta aos Romanos (1, 3b-4a) e a carta aos Gálatas (4,4-5) que abordam de forma contundente a teologia do envio de Cristo. Se houve envio é porque havia um preexistente. Portanto, ao falar do envio do Filho de Deus, fala-se da sua preexistência. Os hinos cristológicos de Filipenses (2,6-11) e Colossenses (1,15-20) também apresentam pressupostos teológicos sobre a preexistência de Cristo e sua Encarnação. O primeiro mostra o divino que assume a nulidade humana com o propósito de salvá-la. Percebe-se também a unidade do mistério de Cristo que tem como ponto de partida querigmática o evento pascal que expressa a compreensão do itinerário da redenção operada por Cristo. O segundo oferece reflexões coerentes em relação a preexistência de Cristo a partir da tese do seu primado na obra da criação e da redenção. Ele não é apenas uma grandeza cósmica ou a primeira das criaturas, mas ele é o princípio da criação, ele já preexistia a tudo isso e por isso é preeminente a tudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preexistência. Sagrada Escritura. Encarnação. Cristologia.

### SCRIPTURAL ELEMENTS AND THEOLOGICAL ARTICULATIONS ABOUT THE PREEXISTENCE OF CHRIST

**ABSTRACT:** The present theme, elaborated in a bibliographic research methodology, is in the bonds of Christology and seeks to establish scriptural elements that attest and confirm the preexistence of Christ. Sacred Scripture as the

first source of Revelation must be the first foundation for dogmatic assertions. From this perspective, we propose a hermeneutic analysis of texts from the Wisdom Literature, Pauline and Deutero-Pauline epistles, the letter to the Hebrews and the Gospel of John. The wisdom literature (Sir 24,3-4; Wis 7,25-26; Wis 9,1-2) with the question of the preexisting Wisdom, fruit of speculative presuppositions of Hellenized Judaism, provides relevant elements for the understanding in an analogous way of the preexistence of Christ within the context of the kerygmatic proclamation in early Christianity. This idea of pre-existing Wisdom that emerged in post-exilic wisdom texts was a precious support to ground the foundations of the Christology of pre-existence. With these previous elements of the wisdom literature, a basis for understanding the theological articulations about preexistence in texts of Pauline tradition, such as the letter to the Romans (1, 3b-4a) and the letter to the Galatians (4, 4-5) that address in a forceful way the theology of the sending of Christ. If there was a shipment, it is because there was a pre-existing one. Therefore, in speaking of the sending of the Son of God, one speaks of his preexistence. The Christological hymns of Philipians (2:6-11) and Colossians (1:15-20) also present theological assumptions about the pre-existence of Christ and his Incarnation. The first shows the divine who assumes human nullity in order to save it. It is also possible to perceive the unity of the mystery of Christ, which has as its kerygmatic starting point the paschal event that expresses the understanding of the itinerary of redemption brought about by Christ. The second offers coherent reflections on the pre-existence of Christ from the thesis of his primacy in the work of creation and redemption. He is not just a cosmic greatness or the first of creatures, but he is the principle of creation, he already pre-existed all this and therefore he is preeminent in everything.

**KEYWORDS:** Preexistence. Holy Scripture. Incarnation. Christology.

## 1 | INTRODUÇÃO

*“[...] Et in unum Dominum nostrum Iesum Christum Filium Dei, natum ex Patre unigenitum, hoc est de substantia Patris, Deum ex Deo, lumen ex lumine, Deum verum de Deo vero, natum, non factum, unius substantiae cum Patre (quod graece dicunt homousion), per quem omnia facta sunt, quae in caelo et in terra [...]”* (DENZINGER, n° 125). Com esta definição do Símbolo de Niceia, a Igreja professa sua fé na preexistência de Cristo. Assim sendo, é uma definição dogmática que está substancialmente ligada à verdade de fé da Encarnação de Cristo. Ao mesmo tempo essa definição atesta a fé na Trindade e na unidade substancial do Pai e do Filho. Na mesma afirmação é nítida a relação do Filho Unigênito com a criação, isto é, o Pai que fez todas as coisas por meio do Filho.

Apesquisa aqui desenvolvida está nos liames da Teologia Sistemática, principalmente da Cristologia e procura estabelecer elementos escriturísticos que atestem e confirmem a preexistência de Cristo. A Sagrada Escritura como primeira fonte da Revelação deve ser o primeiro fundamento para afirmações dogmáticas.

## 2 | PRESSUPOSTOS DA ESPECULAÇÃO SAPIENCIAL JUDEU HELENISTA

Os judeus e os judeu-cristãos compreendiam o mundo como uma realidade temporal-

escatológica diferente da visão helenista que compreendia o mundo como cosmos. Apesar dos esforços filosóficos dos pensadores gregos, no mundo helênico ainda era muito forte a crença no mito e nos seres mitológicos. Foi nesse contexto que a mensagem de Cristo deveria ser anunciada pelos primeiros cristãos, isto é, um contexto mitológico marcado pela força de deuses e a influência dos astros e ao mesmo tempo a razão filosófica e as novas concepções epistemológicas. Para tal empreitada os textos sapienciais constituíram-se como auxílio para dar bases à Cristologia da preexistência.

A ideia de preexistência de Cristo defendida pela Cristologia do Novo Testamento, especialmente a teologia paulina, encontra apoio na literatura sapiencial que floresceu no contexto do judaísmo helenizado no período do pós-exílio babilônico.

O conceito de Sabedoria, núcleo dos escritos sapienciais é tratada como um atributo divino. “Quão numerosas são tuas obras, lahweh, e todas fizeste com sabedoria! A terra está repleta das tuas criaturas” (Sl 104, 24). A sabedoria de Israel presente nos escritos pré-exílicos acreditava que somente Javé é preexistente. “Teu trono está firme desde a origem e desde sempre tu existes.” (Sl 93, 2).

Somente nos escritos do período pós-exílico, no contexto da dominação selêucida em que os judeus estavam em contato com a cultura grega é que encontramos a sabedoria não mais como um adjetivo divino, mas como um ser preexistente à criação.

Só na Sabedoria pós-exílica mais recente de Israel, que se confronta com o mundo do helenismo, encontra-se uma noção de Sabedoria de Javé na qual esta deixa de ser uma qualidade de Deus e se transforma numa grandeza preexistente (relativamente) autônoma. (KESSLER, 2002, p. 281)

Em muitas passagens dos escritos sapienciais há a sabedoria personificada que é um recurso literário que os mesmos escritos usam para as exortações da sabedoria. A sabedoria adquire voz própria e fala de si mesma. Entretanto nos escritos pós-exílicos a sabedoria de Deus aparece não somente personificada, mas como um ser pré-mundano e anterior a todas as outras criaturas. “Saí da boca do Altíssimo e como a neblina cobri a terra. Armei a minha tenda nas alturas e meu trono era coluna de nuvens.” (Eclo 24, 3-4). A sabedoria é apresentada como primícias da obra de Deus, reflexo da bondade e do poder do Altíssimo. “Ela é eflúvio do poder de Deus, uma emanação puríssima da glória do Onipotente, pelo que nada de impuro nela se introduz. Pois ela é reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem de sua bondade.” (Sb 7, 25-26.)

A sabedoria também pode ser vista como onipotência de Deus, habitação de Deus no homem. “[...] sendo só, ela tudo pode; sem nada mudar, tudo renova e, entrando nas almas santas de cada geração, delas fez amigos de Deus e profetas.” (Sb 7, 27).

Na perícopre Sb 9, 1-18 encontramos uma oração para obter sabedoria. Nesta oração é perceptível a importância da sabedoria para aquele que suplica por ela. No v. 18 está posta a afirmação da sabedoria que salva, ou seja, aqueles que a possuíram, ela os salvou. É ela quem deve guiar as ações do homem. Interpretando este versículo a partir de um

sentido histórico-teológico, ou mesmo uma leitura tipológica podemos nos referir ao envio do Filho de Deus e sua finalidade salvífica. Essa compreensão poderia figurar como uma evolução do judaísmo helenizado para uma compreensão do mistério salvífico de Cristo.

[...] Sb 9 não é simplesmente uma prece individual (com Salomão como locutor), mas justamente por causa dos vv. 12-18 o capítulo tem característica de um protótipo, que visa à redenção dos sábios em geral (v. 18). A partir desse enfoque, é muito viável uma aplicação no “sentido histórico-teológico”, referindo-se ao envio do Filho de Deus. Isso vale tanto mais quando a recepção cristológica da fórmula do envio sapiencial faz parte do contexto maior da adoção propriamente dita de concepções sapienciais por parte do primeiro cristianismo. [...] (MÜLLER, 2004, p. 16-17)

No livro da Sabedoria também encontramos dois modos de compreensão da sabedoria que são usados na Cristologia como atributos de Cristo *lógos* divino. Em Sb 1, 6-7 a sabedoria é espírito e em Sb 9, 1-2 é com ela que Deus realiza a criação.

A Sabedoria é um espírito amigo dos homens, não deixa impune o blasfemo por seus propósitos; porque Deus é a testemunha dos seus rins, perscruta seu coração segundo a verdade e ouve o que diz a sua língua. O espírito do Senhor enche o universo e ele, que mantém unidas todas as coisas, não ignora nenhum som. [...] Deus dos Pais, Senhor de misericórdia, que tudo criaste com tua palavra e com tua sabedoria formaste o homem para dominar as criaturas que fizeste. (Sb 1, 6-7; 9, 1-2).

A concepção judeu-helenista da sabedoria preexistente é um auxílio para o discurso sobre a preexistência de Cristo e sua encarnação. Ela pode ser comparada com o próprio Filho que preexistiu junto ao Pai como Sabedoria eterna pela qual o Pai fez todas as coisas. Contudo, não é coerente afirmar que a sabedoria judaica-helenista acerca da sabedoria preexistente pensasse na encarnação real. O envio da sabedoria àquele que pede tornando-o sábio e conseqüentemente justo não pode ser nivelada do mesmo modo da encarnação de Jesus Cristo professada pelo cristianismo.

[...] É verdade que a sabedoria deve auxiliar o sábio na terra, afadigar-se por ele (Sb 9, 10), a fim de instruí-lo; sim, ele “penetra em almas santas”, “prepara amigos de Deus e profetas” (Sb 7, 27), de maneira que chega a habitar com eles (Sb 7, 28). Contudo não se pode afirmar que ela se torna um ser humano. Nesse aspecto, o pensamento da primeira Igreja de fato tem de criar algo novo, considerando que, afinal, é o Jesus histórico único que se contempla à luz da ideia judaica da sabedoria, mas não o protótipo do sábio, o justo ideal. [...] (MÜLLER, 2004, p. 17)

Devemos entender essa sabedoria preexistente nos escritos sapienciais não afirmando que esses textos falam diretamente de Cristo e que a sabedoria é o próprio Cristo porque isto foge da concepção judaica de Javé como único preexistente, mas podemos fazê-lo de modo análogo.

Nas palavras de Müller (2004) é compreensível esta analogia dos escritos sapienciais com a cristologia da preexistência:

“[...] é essa a localização da cristologia da preexistência: ela poderia evidenciar-se 'como uma transformação da especulação sapiencial do judaísmo helenista de Jerusalém, orientado pelo Templo e pela Torá', a uma transformação 'com base na confissão do significado salvífico da morte de Jesus'” (MÜLLER, 2004, p. 17)

Portanto, o conceito de sabedoria preexistente pode ser entendido de modo análogo como o Filho de Deus preexistente e que num determinado momento da história se encarna com um fim soteriológico.

### 3 I A CRISTOLOGIA DO ENVIO NA TEOLOGIA PRÉ-PAULINA

Referindo-se à Cristologia da preexistência temos elementos escriturísticos de grande aplicabilidade na teologia paulina. Esses elementos tratam precisamente do envio de Cristo. É lógico que para acontecer um envio é necessária uma preexistência. Se Cristo foi enviado ao mundo pela via da encarnação, assumindo a condição humana, ele teria intrinsecamente que preexistir. Os textos paulinos abordam esse argumento.

A primeira fórmula de envio que analisaremos é de Rm 1, 3b-4a. Nessa fórmula, Paulo entende a existência terrena de Jesus e sua humanidade a partir da descendência de Davi. A divindade de Jesus é reconhecida pela sua ressurreição. “[...] seu Filho nascido da estirpe de Davi segundo a carne, estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos.” Com isso, Paulo não quis dizer que Jesus Cristo não seja Deus na sua Encarnação, mas o enfoque está direcionado ao sentido messiânico de sua divindade. “Nessa compreensão está enfocada a posição do poder celestial do Filho de Deus entendido em sentido messiânico” (MÜLLER, 2004, p. 13). Nessa fórmula a afirmação de Filho de Deus referida a Cristo tem enfoque na sua ressurreição. Porém, isso não quer dizer que ele não fosse o Filho de Deus preexistente. Implicitamente, Paulo corrobora a Encarnação do Cristo Jesus porque está presente a afirmação de sua humanidade no começo da fórmula.

[...] se Paulo, pois, acolhe a primeira linha da fórmula: “nascido da semente de Davi (segundo a carne?)”, no conjunto de sua cristologia da preexistência está sendo feita implicitamente uma afirmação na encarnação. No entanto ela não é interpretada sob a perspectiva de sua teologia da cruz [...]. Pelo contrário, o Filho de Deus tornado ser humano aparece em Rm 1, 3s como aquele que nasceu da semente de Davi. [...] (MÜLLER, 2004, p. 14)

Essa compreensão de Jesus como Filho de Deus em sentido messiânico está posta também na passagem do Batismo de Jesus no evangelho de Marcos (Mc 1, 9-11) e no discurso inaugural da pregação de Paulo diante dos judeus (At 13, 32s). Entretanto, o problema acerca da preexistência está no fato de alusões a um envio divino significando a condição divina de Jesus antes mesmo de sua revelação messiânica, o ser divino de Jesus que depois se encarna tornando-se humano sem deixar de ser divino.

Em Gl 4,4-5 a fórmula de envio está relacionada a uma dimensão histórico- salvífica

“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial”. A partir disso podemos afirmar que o envio do Filho de Deus tem uma finalidade específica. O enfoque não é tanto ao modo do envio ou à preexistência, mas ao objetivo do envio. Contudo, por causa da finalidade do envio podemos depreender o tema da preexistência. “[...]a fórmula do envio já terá pressuposto que o Filho de Deus preexistente se tornou humano (‘nascido de uma mulher’), porque a ideia da preexistência faz parte da fórmula [...]”. (MÜLLER, 2004, p. 14)

A ideia central dessa fórmula é a finalidade soteriológica do envio de Cristo. A encarnação e a preexistência são motivos secundários e servem de suporte para esse argumento. A locução “Deus enviou” (Gl 4, 4a) salienta a preexistência, a expressão “nascido de uma mulher” (Gl 4, 4b) aponta a encarnação e a sentença “para resgatar os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a filiação adotiva” (Gl 4, 5ab) denota a finalidade do envio. Na teologia paulina essa finalidade é manifestada com a morte de Cristo na cruz.

[...] A ideia da encarnação tão-somente fornece a premissa para a afirmação soteriológica central da finalidade: Deus enviou seu Filho, “nascido de uma mulher, sujeito à lei, *a fim de que* ele pagasse a alforria dos que estão (escravizados) sob a lei...”. “Isto é, a fórmula que antes de Paulo era interpretada no sentido da encarnação do Filho preexistente é relacionada por Paulo à morte vicária de Jesus na cruz. [...] (MÜLLER, 2004, p. 14-15)

Em Rm 8, 3 encontramos: “[...] Deus, enviando o seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne.” Essa fórmula assim como a de Gl 4, 4-5 fala do envio de Cristo e, portanto da sua preexistência. O enfoque deste versículo também é a redenção vista a partir da ótica da morte vicária de Cristo. O âmago não é a encarnação enquanto tal, pois a redenção acontece de forma plena no mistério da morte de Cristo. Com isso não desconsideramos o conjunto do mistério salvífico de Cristo (encarnação, paixão, morte e ressurreição), porém precisamos ser fiéis às ênfases dadas por Paulo em sua teologia e compreender a preexistência e a encarnação como premissa para a concretização da obra da redenção no mistério pascal de Cristo.

[...] “A fim de redimir o ser humano, que é pecador, Cristo tornou-se ser humano, a saber, sujeito ao poder do pecado como qualquer ser humano”. Frases como esta deslocam as ênfases. Ela sugere que a encarnação poderia ser para Paulo o evento específico da salvação, quando a realidade é diferente. De qualquer modo, no pensamento fundamental de que, ao morrer, Cristo se entregou pelos pecadores, identificou-se com eles, está exposta de forma convincente a intenção substancial da teologia da encarnação – apenas não está relacionada ao aspecto essencial de que o Filho se tornou um humano. (MÜLLER, 2004, p. 15)

A fórmula de Rm 8, 3 também sugere o modo como aconteceu a encarnação do Filho de Deus. Esta fórmula expressa de forma mais profunda a encarnação do que a

formula de Gl 4, 4. Não apenas enfoca o nascimento do Filho de Deus por uma mulher, mas vai além. Fica claro que a encarnação do Filho é na carne humana, carne de pecado. Porém não significa dizer que o Cristo encarnado é pecador, mas “designa apenas a figura concreta, assim como a possuem as pessoas enquanto pecadoras na carne determinada pelo pecado”. (MÜLLER, 2004, p. 15). É para essa esfera do pecado que Deus envia seu Filho com a finalidade de redimir a carne de pecado, para que ela volte à sua condição original. “[...] o Filho de Deus foi enviado à esfera da realidade do pecado por causa da salvação do ser humano [...]”. (MÜLLER, 2004, p. 17)

Em suma, a cristologia pré-paulina do envio situada nas fórmulas bíblicas que apontamos remete-nos à preexistência de Cristo. O envio teve finalidade salvífica no mistério pascal de Cristo e a encarnação foi o modo do envio. Todavia, precedente ao envio e para que este possa acontecer pressupõe-se a já existência, isto é, a preexistência.

## **4 | A IDEIA DE PREEXISTÊNCIA NOS HINOS NEOTESTAMENTÁRIOS PAULINOS**

### **4.1 Filipenses 2, 6-11**

A verdade de fé acerca da encarnação e conseqüentemente da preexistência de Cristo é exposta na teologia paulina no famoso hino de Fl 2, 6-11. É perceptível o modo como Paulo narra a condição humana de Jesus e o meio e a finalidade da conveniência de sua encarnação. A perícopa à qual analisaremos está inserida em um contexto maior de cunho exortativo. Paulo exorta à comunidade de Filipos a terem o mesmo sentimento de Cristo, ou seja, que se desprendam de sua arrogância e nada façam por competição ou vanglória.

Esta perícopa é considerada por muitos como um hino cristológico pré-paulino e que Paulo cita na sua exortação por se adequar à intenção de sua mensagem aos Filipenses. Paulo mostra o caminho terreno de Jesus a partir do esquema de exaltação e humilhação do Filho de Deus. Para nós, antes de tudo, interessa que este caminho começa com a preexistência divina de Cristo.

Na Epístola aos Filipenses (c. 54/55 dC), Paulo cita um hino cristológico mais antigo, já existente antes dele e proveniente de judeus-cristãos helenistas, com duas estrofes Fl 2, 6-11. Ele louva o caminho de Jesus Cristo, e o faz atendendo ao esquema bíblico-sapiencial de (auto-)humilhação e exaltação por Deus (“aquele que se humilhar será exaltado”: Mt 23, 12 e o.), mas sugerindo que esse caminho começa num plano meta-histórico, na preexistência divina. (KESSLER, 2002, p. 283)

Valendo-nos da afirmação de que este hino possui duas estrofes, podemos nomear cada estrofe a partir do esquema de humilhação e exaltação. “Os vv. 6-8 tratam da auto-humilhação do Cristo preexistente, os vv. 9-11, da exaltação do humilhado por parte de Deus.” (MÜLLER, 2004, p. 19).

No cerne do texto pré-paulino encontramos cinco expressões que enfatizam o tema deste hino: forma de Deus, figura humana, esvaziamento, humilhação e exaltação. Forma de Deus e figura humana referem-se respectivamente à preexistência e à encarnação. O auto-esvaziamento e a auto-humilhação – *Kenosis* se encontram entre o estado pré-encarnado e encarnado do Verbo.

O hino é enfático ao afirmar a subsistência de Cristo na forma de Deus. “Ele estando na forma de Deus não usou de seu direito de ser tratado como um deus.” (FI 2, 6). No seu estado preexistente, Cristo existia na pessoa do Filho (Verbo) possuindo toda a natureza da divindade. Ele existia na comunhão trinitária. A deidade do Filho é inerente à sua pessoa.

A expressão *forma de Deus* – em grego *μορφή Θεου* possui um significado particular. O preexistente está no mesmo nível da divindade referindo-se à sua proveniência e status. (KESSLER, 2002, p. 283). Ele é o Filho de Deus e, portanto Deus. Na relação trinitária o Filho sempre existiu com o Pai. Não há um momento da criação do Filho. As Sagradas Escrituras apontam para essa eternidade do Filho junto ao Pai. A existência do Cristo não pode limitar-se à sua vida terrena.

Se, porém, o Pai é desde a eternidade aquele como o qual foi revelado na relação com Jesus, seu Filho, e por meio dele historicamente, então também, inversamente, o Filho pertence ao Pai desde a eternidade, o Pai não pode ser concebido sem o Filho. [...] O pertencimento de Jesus como Filho ao eterno Deus, porém, significa, por outro lado, também que o Filho está ligado com o Pai antes do começo da existência terrena de Jesus e que o próprio pertencimento de Jesus ao Pai remonta também ao tempo antes de seu nascimento terreno. [...] (PANNENBERG, 2009, p. 515-516)

No hino de Filipenses é notória a afirmação da divindade de Cristo e de sua condição de Deus (FI 2,6). Todavia, ela contraria a lógica humana não fazendo de sua condição divina uma usurpação, mas esvaziando-se de sua glória e assumindo a condição humana, submetendo-se à humilhação da morte e morte de cruz. “Mas se despojou, tomando a forma de escravo. Tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.” (FI 2, 7-8). Aqui está evidente que a humilhação do Preexistente em forma de Deus é uma ação voluntária. A humilhação não é intrínseca à sua essência, mas ele assume essa condição como uma condição soteriológica. Estas afirmações estão em perfeita sintonia com a teologia pré-paulina do envio, pois o envio do Filho, e por isso a ideia de sua preexistência, possuem um fim.

O Preexistente estando na condição divina não fez disso uma usurpação, mas renuncia a essa condição para assumir a forma de escravo e tornar-se semelhante ao homem escravo do pecado. Ele se despoja radicalmente da divindade que detinha, mas não deixa de ser Deus. Isso ficará evidente na argumentação sobre sua exaltação. É um movimento dialético, pois o mesmo se humilha e é exaltado na condição de *Kyrios*. Esse é o esquema kenótico de Cristo, sua auto-humilhação, auto-esvaziamento e exaltação.

O Preexistente encontra-se “em figura (forma) de Deus”, isto é, no que se refere à sua identidade ele é determinado por sua divindade. Mas não se agarra gananciosamente a essa condição, de “ser igual a Deus”. Com isso se descreve sua forma original como posição de singular dignidade, como *status* que perfaz a sua identidade [...]. Ele abandona sua identidade anterior e se submete à configuração da existência humana, marcada pela dependência escrava do destino e da morte. Essa nova identidade forma um contraste extremo com a condição original divina do Preexistente. (MÜLLER, 2004, p. 21)

O Preexistente existia em “forma de Deus” - *μορφη Θεου* (v. 6), sendo portanto, Deus. Apesar de sua deidade, ele não se auto-afirma Deus, mas seu despojamento e nivelamento à condição escrava do ser humano vai até ao extremo da humanidade: a morte. Ele assume essa condição total até as últimas consequências. “O sentido soteriológico é: quem quer romper a escravidão dos seres humanos precisa vir de além de tal existência, mas precisa entrar inteiramente nela.” (KESSLER, 2002, p. 283).

A expressão *μορφην δούλου* – “forma de escravo” (v. 7), pode levar-nos a pensar nesta condição assumida pelo Preexistente como apenas uma troca de aparência sem categoria ontológica. Entretanto, foi uma condição que Cristo assumiu voluntariamente e ontologicamente. Na expressão “se despojou”, o pronome reflexivo nos leva a entender que Cristo fez isso por vontade própria.

Acerca da identidade assumida pelo preexistente Müller (1990) afirma: “[...] Essa nova identidade forma um contraste extremo com a condição original divina do Preexistente. [...]”. (MÜLLER, 2004, p. 21). Pela expressão *μορφή* presente no texto encontramos uma dificuldade semântica. Esta dificuldade está, justamente, no fato do termo *μορφή* possuir vários sentidos. Esse termo utilizado em Fl 2,6s pode levar a entender que o Preexistente assumiu a forma de escravo não como caráter transitório, mas como nova identidade abdicando da primeira radicalmente. Se bem que, essa interpretação não é aceita por todos, pois a humilhação do Preexistente é apenas uma fase que não deve ser vista isolada do todo. O Preexistente humilhado continua com sua identidade divina até porque ele assumiu a forma de escravo, ou seja, de homem, mas não como um homem qualquer, mas é o homem por excelência, o homem antes da prevaricação do pecado.

Na segunda estrofe do hino encontramos a resposta de Deus à auto-humilhação do Preexistente encarnado.

“Por isso Deus soberanamente o elevou e lhe conferiu o nome que está acima de todo nome, a fim de que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, sobre a terra e debaixo da terra, e que toda língua proclame que o Senhor é Jesus Cristo para a glória de Deus Pai.” (Fl 2, 9-11).

Após a auto-humilhação voluntária, o próprio Deus exalta-o até o mais alto grau dando-lhe o título de *Kyrios*. Neste hino, podemos perceber uma oscilação de extremos, pois ao passo que Cristo se humilha até as últimas consequências da existência humana, Deus o exalta até o mais alto grau, elevando-o à condição de senhor do mundo.

Para o hino de Fl 2, 6-11 Jesus Cristo é sobretudo o ser humano humilhado e exaltado que veio de Deus. A afirmação acerca da figura divina de um preexistente designa a dimensão profunda do caminho de Jesus e o qualifica em seu conjunto como acontecimento de revelação e salvação. (KESSLER, 2002, p. 284)

Podemos ainda dizer que a auto-humilhação do Preexistente não é simplesmente uma troca de identidade, mas é a encarnação real. Quando ele assume a forma de escravo submetendo-se à morte, ele não está aquém da carne humana, pelo contrário, ele radicalmente assumiu a carne até à morte. “[...] O hino consegue alcançar essa compreensão singular somente pelas tentativas de circunscrever com formulações sempre novas que o Preexistente se tornou um humano, no intuito de se aproximar de sua verdadeira intenção afirmativa.” (MÜLLER, 2004, p. 25).

O hino de Fl 2, 6-11, além de nos mostrar elementos sólidos sobre a preexistência de Cristo (Verbo), ele nos introduz numa reflexão profundíssima sobre a encarnação do Verbo. A encarnação é tão admirável que a adoção da natureza humana por Cristo é completa indo ao encontro da última instância humana que é a morte. “[...] O hino enaltece esse acontecimento como um milagre, porque o cumprimento do *ethos* sapiencial por Jesus extrapola a experiência humana normal. Deus responde a esse procedimento com a exaltação incomparável daquele que a si próprio se rebaixou. [...]” (MÜLLER, 2004, p. 26).

A radicalidade da encarnação do Preexistente nesse hino é fascinante. O divino assume a nulidade humana com o propósito de salvá-la. Vemos também a unidade do mistério de Cristo (preexistência, encarnação, paixão, morte e ressurreição) que tem como ponto de partida querigmática o evento pascal que permite-nos compreender todo o itinerário da redenção operada por Cristo.

## 4.2 Colossenses 1, 15-20

O texto da epístola aos Colossenses nos permite tecer reflexões coerentes sobre a profissão de fé na preexistência de Cristo. A perícopes em questão trata do primado de Cristo frente ao problema que se gerou na comunidade de Colossos para combater ideias gnósticas e especulações judaico-helenistas sobre os poderes celestes ou cósmicos. Essas especulações colocavam em perigo a doutrina da primazia de Cristo.

Apesar da comunidade de Colossos já ter uma caminhada cristã sólida, a carta a ela endereçada possui um tom preocupado e alarmante. No escopo da carta não é explícita de forma direta essa preocupação e o motivo de tal preocupação. A polêmica está em torno da questão dos “elementos do mundo”. O sistema religioso e especulativo combatido pela carta refere-se a algumas concepções cosmológicas que se infiltraram na comunidade. O cerne dessa polêmica está em divinizar os elementos da natureza e controlar o destino dos homens. Assim sendo, essas especulações colocam em xeque a doutrina do primado de Cristo, pois a doutrina da primazia está totalmente oposta a este modo de pensar.

[...]. O papel único e insubstituível de Cristo certamente se contrapõe à

pretensão de experiências religiosas supletivas e complementares. Nele (em Cristo) habita agora, definitivamente, toda a "plenitude (gr. *plêroma*) da divindade" e por meio dele os fiéis podem ter acesso à perfeição, segundo o projeto de Deus. [...]. (FABRIS, 1992, p. 40)

Nesse contexto polêmico é que se insere este hino cristológico citado na carta aos Colossenses. O hino possui duas estrofes com unidades temáticas próprias. A primeira parte trata do primado universal de Cristo na criação e a segunda a plenitude de Cristo na reconciliação e pacificação. Para este trabalho, vamos nos debruçar apenas à primeira parte do hino que interessa ao tema desta pesquisa.

As palavras iniciais do hino são:

Ele é a Imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda criatura, porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades, tudo foi criado por ele e para ele. É antes de tudo e tudo nele subsiste. (Cl 1, 15-17).

Esses versículos falam de Jesus Cristo e atribuem-lhe dois títulos que o definem em relação a Deus e ao mundo criado. Em primeiro lugar ele é a *Imagem* de Deus e em segundo lugar ele é o *Primogênito* da criação. Essas duas expressões são de fundamental importância para uma compreensão sólida do significado da preexistência de Cristo.

O termo *Imagem* é bastante comum na literatura bíblica. Por exemplo em Gn 1, 26-27 encontramos o homem que é criado à imagem de Deus. Na literatura sapiencial encontramos a sabedoria como imagem de Deus. A sabedoria na fé judaica é entendida como sabedoria-lei comunicada por Deus que possibilita ao homem ir até Deus porque está trilhando seus caminhos e o caminho é a lei. A sabedoria-lei, nesta concepção, exerce um papel de mediadora entre Deus e o homem. A sabedoria-lei é o reflexo do ser de Deus, é imagem da sua bondade; ela é a fonte da revelação de Deus. A partir dessas concepções foi que a fé cristã atribuiu esta função da sabedoria-lei a Jesus Cristo como imagem do Deus invisível, mediador entre Deus e os homens pela sua encarnação e enviado de Deus para que os homens possam trilhar o caminho à Deus. "Jesus é a face histórica de Deus, aquele que o manifesta de modo único e definitivo, tomando o lugar de todas as prefigurações históricas, tanto da sabedoria como da lei judaica." (FABRIS, 1992, p. 60).

*Primogênito* é o termo que relaciona Jesus Cristo ao mundo criado. Se Cristo é o Primogênito de toda a criação, ele não possui apenas a faculdade de mediador entre Deus e a sua criação como a sabedoria-lei de Israel, mas ele exerce o senhorio sobre a criação. "Jesus não é só a 'imagem' de Deus enquanto realmente nele se torna manifesta a face escondida e inacessível de Deus; porque 'primogênito', todo o mundo criado é atraído, nele, para o mundo de Deus." (FABRIS, 1992, p. 60). Ao dizer que Cristo é o primogênito de toda a criatura não significa dizer que ele foi criado por Deus antes de serem criados o céu e a terra como se ele fosse a primeira das criaturas de Deus<sup>1</sup>, mas foi por ele que o

1 [...] No séc. IV, na época da controvérsia cristológica suscitada por Ário e seus seguidores, a fórmula de Cl 1,15 esteve no centro do debate. De fato, os arianos se referem a esse texto bíblico, associado a Pr 8,22, para sustentar que Cristo

Pai na comunhão do Espírito Santo criou todas as coisas. A criação é uma obra trinitária.

Com essa afirmação do senhorio de Cristo sobre a criação, o autor da carta rebate as doutrinas estranhas que se infiltraram na comunidade de Colossos. Não são os elementos do mundo que devem ser cultuados como divindades porque Cristo é superior a tudo isso e toda a criação tem nele a sua consistência. Os elementos cósmicos não podem ser nivelados a Cristo e tratados como forças autônomas. Cristo é primaz em relação a tudo isso.

[...] Em relação ao mundo, em todas as suas dimensões, ele desempenha o papel de fonte, fundamento-consistência e meta final. A insistência na dimensão universal do papel ou senhorio de Cristo sobre todas as coisas – “as do céu e as da terra”, segundo a linguagem bíblica, com a pedante enumeração das realidades “invisíveis” (tronos, dominações...) – provavelmente corresponde a uma preocupação polêmica contra o culto aos seres celestes. [...] (FABRIS, 1992, p. 61)

O versículo 18 nos remete de forma mais acurada ao tema da preexistência de Cristo ao dizer que Cristo é antes de tudo e nele tudo subsiste. Tanto na sua preexistência como na encarnação ele é superior a toda a criação. Ele possui todos os atributos divinos e é por meio dele que a criação é levada à sua plenitude. É o próprio Cristo quem restaura a harmonia do cosmos, ou seja, ele é o motor e o centro da reconciliação universal da criação com o criador.

Neste hino é perceptível também o propósito soteriológico da encarnação do Preexistente. O mediador entre Deus e os homens possui a divindade como característica ontológica e portanto a primazia sobre toda a criação como também possui o primado na redenção.

No hino de Colossenses o peso é colocado na afirmação soteriológica: Cristo é a “imagem” protológica “do Deus invisível”, visa soteriologicamente o “novo ser humano”, que “é renovado segundo a imagem de seu Criador”, de modo que as diferenças de povo, classe e posição existentes entre as pessoas não contam mais. Em Cristo, promessa de seu amor inviolavelmente fiel, Deus abarca todo o mundo de modo acolhedor, libertador e evocativo – tanto a partir da origem como da meta. (KESSLER, 2002, p. 286).

Em suma, podemos concluir que o hino cristológico da carta aos Colossenses visa resolver uma questão contundente da comunidade, mas nos oferece reflexões bastante coerentes em relação a preexistência de Cristo a partir da tese do seu primado na obra da criação e da redenção divina. Ele não é apenas uma grandeza cósmica ou a primeira das criaturas, mas ele é o princípio da criação, ele já preexistia a tudo isso e por isso é preeminente a tudo.

---

não é Deus, mas apenas a *primeira das suas criaturas*, por meio da qual tudo o mais foi criado. A reação às teses arianas, cujo centro é Alexandria do Egito, tende a limitar ou a eliminar de vez a atribuição a Cristo desse título de “primogênito de toda criatura”. Mas apesar desse clima polêmico, começa a se difundir o hábito de se referir o título do hino de Cl ao Cristo encarnado, primogênito da nova criação. Essa orientação pode ser encontrada no séc. V em alguns escritores greco-orientais e nos latinos. (FABRIS, 1992, p. 44)

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos elementos escriturísticos sobre a preexistência de Cristo abordados nessa pesquisa, fica mais aclarado à nossa compreensão esta verdade de fé contida na Revelação.

Consideramos que a partir da hermenêutica dos textos nossa compreensão sobre a preexistência de Cristo se aquilata e podemos entender melhor a doutrina da Encarnação de Cristo. A preexistência de Cristo é um dado latente da Cristologia e sua afirmação abre espaço para a confirmação de outras verdades de fé acerca de Cristo.

Podemos constatar que para que haja uma apreensão mais profunda do mistério da Encarnação é imprescindível uma clara compreensão da preexistência e o modo como a Escritura trata disso considerando que ela é a primeira fonte da Revelação.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2. Impr. São Paulo: Paulinas, 1985. (Coord.: Gilberto da G. Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson).

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005), aos cuidados de Peter Hünemann, por José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas: Edições Loyola, 2007.

FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo (III)*. Trad. José Maria de Almeida; supervisão exegetica Johan Konings. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

KESSLER, Hans. *Cristologia*. Trad. Luís M. Sander. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática* v. I. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan; et. al. *O evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1999.

MEUNIER, Bernard. *O nascimento dos dogmas cristãos*. Trad. Odila Aparecida de Queiroz, CSJ. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MÜLLER, Ulrich B. *A encarnação do Filho de Deus: concepções da encarnação no cristianismo incipiente e os primórdios do docetismo*. Trad. Werner Fuchs. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Trad. Ilson Kayser. Santo André/São Paulo: Editora Academia Cristã, Paulus, 2009. v. 2.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Automotivador 1, 7

Autossugestão 1, 6, 8

### C

Carnaval 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65

Ciberteologia 9, 13, 14, 19

Comunicação e Literatura 20

Cristologia 29, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 45

### E

Eclesialidade 9

Encarnação 23, 24, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

Escola de samba 46, 47, 48, 50, 53

### F

Festa da carne 46, 47, 49, 54, 56

### J

Jaculatória 1

Jesus 5, 7, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 53, 54, 55, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74

### M

Mística 1, 2, 3, 6, 8, 70, 73

Mulheres 1, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 57, 58, 59, 60, 76

### N

Narrativas 2, 20, 26, 29, 56, 61, 64, 68, 73

### P

Pandemia 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18

Paradoxo 20, 21, 22, 23

Pecado 38, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 61, 62, 64, 73

Personagem 20, 21, 22, 28, 29, 30, 31, 51, 55, 57

Preexistência 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45

## **R**

Renovação 9, 18

## **S**

Sagrada Escritura 3, 12, 33, 34

Substituição simbólica 1, 6, 7

# TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 